

## RESENHA

Livro resenhado: ARANTES JUNIOR, Edson; SOARES, Ana Lorym; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. *Novos caminhos em velhos mapas: cultura, política & historiografia*. São Leopoldo: Oikos; Anápolis: Editora UEG, 2014.

Fernanda Bastos Barbosa<sup>1</sup>

**Título da resenha: Identidade, intelectualidade e tradição: pensando conceitos a partir de novos olhares.**

*Novos caminhos em velhos mapas: cultura, política & historiografia*, organizado por Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos, Edson Arantes Junior e Ana Lorym Soares, é um sofisticado livro que traz, em cada capítulo, uma densa discussão bibliográfica, bem como um amplo estudo e conhecimento de fontes. A obra foge de um enfoque tradicional e linear-cronológico: é composta por um prefácio, escrito pela professora da *University of Delaware*, Eve E. Buckley, por uma apresentação dos organizadores e por oito capítulos multitemáticos, escritos por jovens renomados professores e pesquisadores do Brasil.

No primeiro capítulo, intitulado *Cultura nacional e diversidade regional: a identidade cultural do Brasil nas interpretações do Movimento Folclórico Brasileiro entre as décadas de 1950/1970*, Ana Lorym Soares discute o papel político e cultural dos chamados “folcloristas”. A autora estabeleceu seu recorte temporal entre as décadas de 1950 e 1970 e as principais fontes analisadas foram os artigos da Revista Brasileira de Folclore. Seu objetivo foi entender e explicar como estes intelectuais, abordados detidamente no capítulo, percebiam – e criavam – os conceitos de “nação” e “região”, ambos complementares e que se intercambiavam. Como escreveu, é importante, ao analisarmos o período, “considerar[mos] a relação entre o regional e o nacional um locus de convergência entre os estudos folclóricos que buscavam decifrar e dar a ler os contornos da nação.” (SOARES, 2014, p. 23). Como ficou claro ao final do trabalho, não podemos pensar os conceitos supracitados como diametralmente opostos; é necessário

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Possui mestrado pela mesma instituição. Atualmente cursa doutorado pela UFOP. Pesquisa História da América, com ênfase nos séculos XIX e XX. Contato: fbb90@yahoo.com.br. Trabalho recebido em 16-01-2015 e aceito em 05-03-2015.

entender como existia uma complementariedade entre eles. Ademais, estudar os folcloristas é de grande relevância, pois muitos deles possuíam o anseio de que sua narrativa sobre a ideia de cultura se tornasse o fundamento do discurso oficial do Estado.

No capítulo dois, *A Bossa de Elis Regina e Jair Rodrigues: tradição e modernidade na música popular brasileira*, escrito por Andrea Maria Vizzotto Alcântara Lopes, a autora discutiu os conceitos de “modernidade” e “tradição” no interior da chamada “mpb”. As décadas analisadas também foram as de 1960/1970 e o programa analisado chamava-se *O Fino da Bossa*, transmitido pela TV Record entre os anos de 1965 e 1967. Os apresentadores eram Elis Regina e Jair Rodrigues. Como explicou, naquela conjuntura “a tensão estaria em tentar conciliar essas duas posições estéticas – e também políticas –, pois uma ‘moderna’ música popular brasileira teria se construído na articulação com as raízes de uma cultura popular considerada ‘autêntica’, ou seja, ancorada em elementos da tradição musical brasileira.” (LOPES, 2014, p. 31). Ao analisar detidamente a trajetória de Elis e Jair, ambos estavam imersos em uma dinâmica que misturava informações rítmicas da tradição musical brasileira com o jazz e a bossa nova, símbolos estes de modernidade. Percebemos novamente uma complexidade e riqueza de dados, não sendo, pois, “modernidade” e “tradição” ideias excludentes, mas sim complementares neste momento.

No capítulo seguinte, *Luciano de Samósata e o Império Romano: dilemas de um escritor na Segunda Sofística*, Edson Arantes Junior explicou como foi construída a relação de Luciano de Samósata com o Império Romano, principalmente quando ele assumiu um importante cargo político em Alexandria. Ao longo do texto o autor dissertou com grande densidade sobre Luciano, sobre como ele provavelmente adquiriu contato com o poder romano, os principais lugares por onde passou e como os ambientes visitados o fizeram construir – e reconstruir – sua visão de mundo (ARANTES JUNIOR, 2014, p. 51). É importante destacar que o capítulo foge de um enfoque tradicional pautado na “vida e obra” do autor. Para Arantes Junior, “Luciano deve ser pensado em conjunto com os sofistas helenófilos que atuam pelo Império Romano no fenômeno cultural conhecido por Segunda Sofística.” (2014, p. 52). Desta forma, o capítulo traz importantes elementos da produção de Luciano (e da historiografia acerca do tema), bem como de sua postura como homem político. Para

compreender o escritor é preciso entendê-lo dentro de um movimento amplo, intitulado, segundo mencionado acima, segunda sofística.

Já no quarto capítulo, *Republicanismos luso-brasileiros: mobilizações e demarcações da história*, Marçal de Menezes Paredes explicou a recepção e o impacto, em Portugal, da proclamação da República no Brasil – ocorrida em 1889. Além de outras fontes, o escritor analisou o Manifesto Republicano de 1870 e logo no começo de seu trabalho destacou que houve, politicamente, desde o início das campanhas pela proclamação, uma referencialidade negativa à Portugal e à tradição lusitana em nosso país. Concomitante a esta situação, percebemos, nas produções de alguns intelectuais, a importância e a dimensão que a história nacional ganhava, legitimando, assim, o novo período que se iniciava. Havia uma grande preocupação com a origem e a história da nação brasileira. Como escreveu Paredes, “buscava-se uma conformidade com os demais povos americanos (republicanos) e, conseqüentemente, uma inescapável superação da tradição nacional.” (2014, p. 71). Ultrapassar o passado era importante para legitimar os novos tempos. Ao final do trabalho, ao se atentar, por exemplo, para o caso português e a proclamação da República em 1910, é interessante perceber como o passado, neste país, não foi refutado, tornando-se importante elemento para legitimar o advento da república. Se, no caso brasileiro, a tradição lusitana precisava ser superada, a tradição, em Portugal, era algo a ser resgatada – principalmente através do liberalismo vintista.

No capítulo cinco, *Para uma analítica da violência e uma crítica do poder: dimensões do biopoder em Michel Foucault e Hannah Arendt*, Aruanã Antonio dos Passos analisou as obras de Arendt e Foucault, ambos marcados pelos eventos do século XX e a conseqüente crise de teorias totalizantes (como as ideias de progresso e raça). No início de seu texto o escritor chamou atenção, partindo das reflexões da filósofa judia, para uma importante constatação: os historiadores se interessam, principalmente, por momentos de ruptura na história, mas pouco se estuda o tema da violência – tão pertinente e importante em nossos dias. Como afirmou, é preciso que tenhamos ferramentas para lidar com o problema da violência no Ocidente, sobretudo se pensarmos os eventos ocorridos no século passado. Desta forma, Passos explicou detidamente o que ambos intelectuais entendiam por “violência” e “poder” e como estas ideias podem ajudar o historiador em seu ofício. Por fim, após discutir

detidamente cada autor, respeitando e mostrando as semelhanças e diferenças entre eles, Passos fez uma importante reflexão sobre o racismo, utilizando, principalmente, a ideia de biopoder foucaultiana.

No capítulo seguinte, *Antiquário antiquado? Os estudos do passado antes da profissionalização dos estudos históricos*, Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos iniciou seu texto mencionando algumas reflexões de Michel de Certeau e como a pesquisa histórica viabiliza alguns caminhos e, por outro lado, inviabiliza, silencia, outros. Diante desta situação, o autor se propôs a estudar e explicar um dos maiores interditos da história contemporânea: os antiquários. Vasconcelos inicia o capítulo sistematizando e nos concedendo importantes elementos sobre o tema. Explica como a abadia de *Saint-Germain-des-Prés* tornou-se centro dos estudos eruditos, ressaltando a importância dos beneditinos e do desenvolvimento da pesquisa crítica, posteriormente utilizada nas academias europeias. Após esta explanação, o escritor deteve-se sobre os antiquários, principalmente italianos do século XVII, e como eles examinavam objetos do passado de uma maneira científica, com grande interesse pela tradição greco-romana e a querela entre antigos e modernos. Como explicou o autor, “ao estudarmos o antiquarismo ou as práticas antiquárias explicitamos que essa tradicional divisão centrada no método científico não se sustenta e o que na atualidade denominamos de ‘outras formas’ de conhecer e pesquisar o passado, foram válidas e importantes (...)” (VASCONCELOS, 2014, p. 111). Sendo assim, Vasconcelos reitera a necessidade de se estudar as práticas de conhecimento do passado para além das abordagens do século XIX e a efetivação da história como ciência acadêmica.

No capítulo sete, *Ademarismo: a construção ibespiana do conceito populismo*, Fabiane Costa Oliveira explicou a formulação do conceito “populismo” realizado pelos integrantes do IBESP: Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política. Para desenvolver a pesquisa a autora utilizou como fonte a revista *Cadernos de Nosso Tempo* e mostrou como o conceito ganhou uma conotação negativa através da produção de muitos intelectuais. Os integrantes do IBESP (alguns vinculados ao antigo Grupo de Itatiaia) buscavam refletir sobre os problemas nacionais, propondo soluções e procurando intervir no cenário sócio-político do país. Para muitos deles o candidato do PSP, Ademar de Barros, simbolizava a figura do governante populista, ao incorporar um grande apelo emocional a sua ação política. Durante o capítulo a autora explicou

com densidade o conceito supracitado, principalmente em uma discussão interdisciplinar com as Ciências Sociais. Segundo ela, “em decorrência dessa imagem [negativa sobre o populismo], não é raro nos depararmos, no campo político, com discursos que visam produzir associações entre o adversário político e a prática populista como mecanismo deslegitimador da força política de seu oponente.” (OLIVEIRA, 2014, p. 114). Ao final, a autora também pontuou como os próprios ibespianos interpretaram a figura e o governo de Getúlio Vargas.

Por fim, no capítulo oito, *Distensões da raça: questões de ser e devir no pensamento histórico brasileiro na virada para o século XX*, Carlos Henrique Armani estudou a relação entre “ser” e “tempo” no pensamento de intelectuais brasileiros de finais do século XIX e início do século XX; principalmente nos escritos de Eduardo Prado e Manuel Bonfim. Momento em que muito se discutia a questão da raça, tais autores davam importância para elementos culturais em sua composição, para além de um aspecto puramente biológico. Como escreveu Armani, “(...) o ser racial do brasileiro, para esses autores, era parte de um processo educativo e cultural e não a definição perene oriunda de uma suposta desigualdade natural do homem supostamente respaldada pela biologia.” (2014, p. 127). Pensando as produções de Prado, podemos refletir a importância que o mestiço ganhou em seus escritos: o que Armani conceituou por “ontologia da miscigenação”. A mistura de raças permitiu o triunfo do brasileiro, não a degeneração de sua raça. Para Prado, o sujeito nacional era o caboclo, a mistura do índio, do branco português e do jesuíta (mostrando a importância que a religião tinha na formação do tipo nacional). Posteriormente, o escritor se deteve sobre os trabalhos e ideias de Bonfim, explicando sua teoria do parasitismo.

Depois desta brevíssima explanação de cada capítulo, ciente do risco de ter reduzido as discussões realizadas no livro, aponto três importantes diretrizes que perpassaram várias reflexões desenvolvidas. A primeira delas é sobre **identidade**. Após lermos cada capítulo percebemos como a construção da identidade nacional foi um dos pontos centrais de várias pesquisas. Pensar os séculos XIX e XX nos obriga a entender a discussão que perpassa o tema. Eduardo Prado e Manuel Bonfim, por exemplo, preocupavam-se com a construção do sujeito brasileiro. Durante e após a proclamação da República no Brasil, uma das agendas políticas foi (re)definir a história nacional: por onde começar? Que tradição resgatar e/ou silenciar? Décadas mais tarde,

os folcloristas também se atentavam em construir um discurso nacional sobre nossa cultura. Simultaneamente a esta diretriz, vemos a importância do papel dos **intelectuais**, estando muitas vezes atrelados ao Estado-nação ou apenas utilizando o discurso histórico-cultural como arma política. Ler todo o livro nos chama a atenção para o lugar social de onde esses indivíduos falavam, enquanto grupo e/ou individualidade – traçando, assim, redes de sociabilidade importantes.

Além destes dois eixos, também destaco a relevância de pensarmos a **tradição**. Refletir sobre as permanências e transformações na história é de grande importância. Como vimos através dos estudos sobre Luciano de Samósata, sobre os antiquários e sobre a música popular brasileira, existiam elementos tradicionais no interior de novas e modernas propostas; elementos de continuidade no novo (ou no que se pretendia, politicamente, inovador). Mostrar como uma conjuntura se complexifica, para além de dicotomizações (novo/velho; centro/periferia; moderno/antigo) deixa o trabalho sofisticado. Por fim, diante de uma semana em que muito se discute o atentado aos jornalistas da revista francesa *Charlie Hebdo*<sup>2</sup>, vemos como “poder” e “violência” são duas grandes chaves de análise que o historiador precisa ter em mãos para pensar o mundo contemporâneo. Ao nos posicionarmos diante da conjuntura político-cultural e do discurso Ocidente/Oriente é relevante termos em mente esses dois conceitos. Desta forma, reitero que é um livro que todo pesquisador e estudante de história deve ler e, por fim, afirmo que os trabalhos aqui mencionados discutem cultura, política e historiografia a partir de novos caminhos e através de uma forma muito refinada. Recomendo a leitura e reflexão!

---

<sup>2</sup> É importante destacar que, no momento em que eu elaborava esta resenha, ocorreu, no dia 07/01/2015, um ataque à revista francesa *Charlie Hebdo*, sediada em Paris. A revista é reconhecida por publicar charges e caricaturas sobre política atual.